

O superávit comercial pode chegar aos US\$ 9,6 bi. Abaixo das previsões.

Se for confirmada a estimativa do ministro da Fazenda, de um superávit comercial de US\$ 150 milhões no mês passado, a conta de comércio do País fechou 1986 com um resultado positivo de US\$ 9,6 bilhões — o que representa quase US\$ 3 bilhões abaixo das previsões iniciais. Agora, o problema maior, segundo os técnicos da área econômica, é projetar o superávit deste ano, que dependerá da forma de se conduzir a negociação da dívida externa com os banqueiros.

No mês passado, o Brasil apresentou aos seus credores uma estimativa de crescimento do superávit comercial de 1987 para US\$ 11,5 bilhões. Posteriormente refez as contas, reduzindo-o para US\$ 10,2 bilhões.

Mas os banqueiros ainda consideram esta previsão otimista, preferindo a da Associação dos Exportadores Brasileiros — AEB — que calcula algo entre US\$ 8 e 9 bilhões.

A importância de uma previsão realista do superávit comercial deste ano está no fato de que é a partir dela que o Brasil definirá suas necessidades de dinheiro novo e fará sua pedida aos banqueiros, aos financiadores institucionais (governos), ao Banco Mundial e ao BID. Se o superávit comercial for estimado em US\$ 8 bilhões, as necessidades de "fresh money" somarão US\$ 4,5 bilhões (para que o País possa pagar a conta de juros e ainda obter algum recurso para financiar seu processo de desenvolvimento).

Alguns fatores terão influência preponderante no comportamento da balança comercial este ano: do lado das importações, uma pressão maior da conta petróleo, em razão da elevação dos preços do barril para o patamar dos US\$ 18 e importações mais expressivas de matérias-primas e equipamentos para atender às necessidades de crescimento da economia. Do lado das exportações, o governo espera uma melhoria nos preços das commodities agrícolas e uma conseqüente recuperação das vendas de produtos do complexo soja e do café, cujas perdas foram expressivas no ano passado. Há, contudo, alguns obstáculos, um dos quais é a exacerbação do protecionismo por parte de mercados importadores.